

# Por uma escola mais inclusiva

Nos últimos anos, em particular a partir da regulamentação da matrícula de crianças com necessidades especiais nas escolas que oferecem o ensino regular, mudanças importantes têm ocorrido em muitas instituições de ensino em todas as regiões brasileiras.

Cada vez mais, especialmente em escolas que atuam nos segmentos da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, crianças com alguma deficiência física ou portadoras de necessidades especiais são acolhidas por professores e alunos em turmas regulares, e com eles passam a conviver e aprender, desfrutando dos mesmos ambientes e atividades socialmente compartilhadas.

Se muitas instituições já reordenaram seu espaço físico, alterando e ampliando sua estrutura - entre outras ações, acessos foram adaptados, rampas foram construídas, banheiros diferenciados foram projetados - e seu mobiliário (cadeiras e



Rui César R. de Souza\*

mesas anatomicamente adaptadas, por exemplo), outras tantas, infelizmente, ainda não se prepararam para mais esse importante papel social a ser desempenhado por nossas escolas: incluir, acolher e oferecer as melhores oportunidades educativas a crianças e jovens portadores de necessidades especiais.

Considerando o pressuposto de que, qualquer que seja o patamar em que se encontre uma escola - seja ela uma referência ou não no desenvolvimento de práticas e valores inclusivos -, certamente ainda há muito a ser feito na longa construção de uma cultura escolar democrática e inclusiva, peço sua licença, prezado gestor e educador, para fazer algumas perguntas.

... crianças com alguma deficiência física ou portadoras de necessidades especiais são acolhidas por professores e alunos em turmas regulares...

Se você acredita que tem feito muito ao receber em sua escola alunos com alguma síndrome ou deficiência - sem dúvida, essa atitude inclusiva é muito importante -, eu lhe pergunto: ao acolher e incluir um(a) aluno(a) com necessidades especiais na sua escola, você já pensou que ela deveria dar uma atenção especial também ao aluno tímido (algumas vezes classificado como “calado” ou “arredio”)? E seus alunos canhotos e ambidestros? Todos eles dispõem de mobiliário apropriado à sua necessidade e conforto?

Você já pensou na possibilidade de seus professores ou professoras estarem se sentindo excluídos dos processos e projetos desenvolvidos por sua escola? Será que eles são respeitados por seus próprios colegas? E por seus alunos? Será que atitudes excludentes não estão ocorrendo entre seus funcionários? Se, na sua escola, a equipe de limpeza, ou de serviços gerais, ainda é chamada de “turma da faxina”, gostaria de perguntar: será que eles se orgulham dessa denominação? Será que uma parte da sua equipe de funcionários apenas cumpre ordens, aqui e ali, sem compreender o significado delas? E seu professor? Será que ele não se importa quando é chamado em público (às vezes, pelos próprios alunos) por algum apelido?

Se seu funcionário não participa das reuniões da escola, e somente fica sabendo das atividades pedagógicas ou sociais desenvolvidas através do comentário de terceiros (alunos, pais e colegas, por exemplo), sua instituição ainda precisa caminhar muito até ser qualificada como verdadeiramente inclusiva.

O mesmo pode ser dito quando sua equipe de funcionários não é incluída nos programas de formação coletiva, no calendário de reuniões e nos comunicados oficiais da escola. Sim, porque a verdadeira inclusão escolar precisa percorrer todos os corredores e espaços da instituição, acolhendo e respeitando todos os membros da comunidade educativa, dos alunos aos professores, dos funcionários (todos, sem exceção) aos pais e familiares dos seus alunos. A verdadeira inclusão deve acolher a todos. Somente profissionais incluídos saberão, com competência, incluir.

Repensar e reinventar a inclusão escolar, transformando-a em valor educacional e parte da cultura da instituição, é um desafio permanente e inadiável, e com ele devem estar comprometidos todos os membros da comunidade educativa: seus educadores, funcionários, alunos e familiares.

Nessa construção permanente, a figura do líder escolar assume o papel estratégico de coordenar, como um maestro, as ações de toda essa comunidade, com foco na ampliação do papel da escola, que é o de ser uma referência de inclusão para sua comunidade educativa, mas também para toda a sua área de influência: seu entorno, sua cidade e sua região. ■

\*Presidente da Fundação Pitágoras, diretor de Redes Corporativas da Educação Básica da Kroton e diretor de Relações Institucionais da Fundação Amae

[www.redepitagoras.com.br](http://www.redepitagoras.com.br)